



estranhas formas de vida

dalila teles veras


Alpharrabio
EDIÇÕES


LITERATURA

O pai que deixa a filha morrer trancada no carro; o vizinho que se queixa, na Justiça, do ruído provocado pelas "atividades íntimas" do casal no quarto ao lado; a menina que tem duas mães; a velhota cor-de-rosa que "arrasa" no shopping; o assalto à luz do dia etc. etc. O leitor não terá dificuldade em reconhecer – cenas e flashes rápidos – os horrores e aberrações da vida cotidiana. Estranhas formas de vida banalizadas à exaustão, a ponto de nos acostumarmos e ninguém mais achar que são "estranhas".

Mas se reparar nas epígrafes (uma para cada poema) talvez não saiba quem é Alfredo Marceneiro, Linhares Barbosa, Alberto Janes, Manuel Alegre e tantos outros nomes "estranhos", entre os quais, porém, um é familiar: Amália Rodrigues, a rainha do fado. E aí está a chave: são todos fadistas. As epígrafes são extraídas de fados famosos – bem, famosos para quem conheça o gênero musical português, marcado pela dramaticidade, pela pungência das emoções exacerbadas. Mas o que isso tem a ver com os poemas?

Tudo a ver, porque – fados de um lado, poemas de outro – a aproximação rende um contraponto de iguais, irmanados pelo comum desfililar de tragédias; ao mesmo tempo, nada, porque o fado é sentimentalismo à flor da pele, derramamento despudorado, enquanto os poemas são breves e concisos, linguagem oblíqua, plena de sutilezas: "em /

inesperada manhã de primavera /
ipês assustados assistem” ou “dura-
doura dor, dura / dor, nervura ferven-
te”. E cortante ironia, como aquela
diante do cartaz, no poste, que pro-
mete “amarração” no amor: “depois
de amarrado, que é feito do amor?
[...] / amor amarrado ama?”.

Fado luso-brasileiro? Nada a estra-
nhar. Na origem, pelo menos na opi-
nião de Mário de Andrade, o fado já era
brasileiro, levado a Lisboa na forma de
lundu, pela corte de d. João VI, depois
adaptado, claro, nos becos de Alfama,
à viola e às guitarras repinçadas e
à cantoria lamuriosa, árabe-andaluz.

Se mesmo assim o leitor ainda achar
estranho, deleite-se com os poemas
(providencie uns fados, para ouvir ao
fundo) e imagine o que diria Fernando
Pessoa: o que você conhece de tão
familiar, para achar estranho seja
o que for? Não estranhe, não. É só
o milagre da poesia.

Carlos Felipe Moisés

homem-placa

o homem
(sentidos ausentes
anúncio-mudo-trêmulo)
posta-se no cruzamento
suspeito
(nadas ao vento)

o corpo-estandarte
alugado, aguarda
(olhares perdidos) o
fim da jornada, o
curto soldo
incompatível
com tão longo dia



Pam o Soares Feitosa,
estes diálogos poemas,
fado, da poeta brasileira
que nasceu em Portugal.

Dalila

estranhas formas de vida
(poemas)

juv/14

dalila teles veras

estranhas formas de vida
(poemas)

DOBRA EDITORIAL

EDITOR Reynaldo Damazio
CONSELHO EDITORIAL Adolfo Montejo Navas, Carlos Felipe Moisés,
Edison Carmagnani Filho, Eduardo Sterzi,
Frederico Barbosa, Tarso de Melo
ASSISTENTE EDITORIAL Débora Ferreira
COMERCIAL Paula Amorim
ARTE Regina Kashiara
INTERNET Ricardo Botelho
CONTATO Rua Domingos de Morais, 1039 • conj. 2
Vila Mariana • São Paulo • SP • CEP 04009-002
Tel. 11 5083-3090
www.dobraeditorial.com.br
DESENHOS Constança Lucas
© Dobra Editorial 2013
© Alpharrabio Edições 2013
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou
armazenada, por quaisquer meios, sem a autorização
prévia e por escrito das editoras e do autor.

Veras, Dalila Teles.

Estranhas Formas de Vida / Dalila Teles Veras – São
Paulo : Dobra Editorial e Alpharrabio Edições 2013. 64 p.
14x21cm

ISBN 978-85-8282-001-8

1. Poesia brasileira. I. Título

CDD 8869.1

Índice para catálogo sistemático

1. Poesia : Século 21 : Brasil

Para Valdecirio, que se aportuguesou na mesma medida
em que me abrasileirei, fados... luso-brasileiros

abismos

*"Dizem as velhas da praia que não voltas.
São loucas!
São loucas!"*

Barco Negro, David Mourão-Ferreira / Caco Velho / Piratini

diante de seus medos
um homem
com toda a fragilidade
de um homem

(na esquina do viver onde
a luz encontra as trevas e
prenuncia tormentas)

um homem
que se recusa
assistir ao embarque
protagonizar a despedida

em desespero, agarrado
ao cordão, em vias de

um homem e seus abismos
incontornáveis

identidades

“Com meus sonhos de menina”

Triste Sina, Jerónimo Bragança / Nóbrega e Souza

quinze anos e dúvidas
(para além das usuais)
a menina
com duas mães, cresceu
biológica, uma
(que a gerou, pariu e amamentou)
companheira da mãe, a outra

a mãe que a gerou, pariu e amamentou
mudou de gênero e identidade. a
menina passou a chamá-la de pai
(volta e meia, ainda lhe escapa um
mãeeeê!...)

se (com licença de Kipling, evocando José Paulo Paes)

*"Se te soubesse enleado
Desta sina não fugia"*

Se soubesse que sentias, Amélia Muge

se...

se...

se...

se...

se...

se...

se...

se...

se...

se...

a vida teria sido outra

(e eu também)

à guisa de espelho
: o vidro da divisória
admira-se
(nos olhos, as sombras sob a sombra
apontam, mas não revelam)

matou a filha e foi ao cinema

*“Quem põe certezas na vida
Facilmente se embaraça”*

Complicadíssima Teia, António Botto / José António Sabrosa

com todo o carinho
acomodou o bebê no banco
fechou o carro bem fechado e
(confiante, passos seguros)
foi trabalhar

tragédia consumada
(asfixia e desidratação
acusa o laudo pericial) o
pai não soube explicar a
morte da filha de 10 meses

esquecimento por esquecimento
esqueceu os repórteres à espera e
(como no filme)
foi ao cinema

perguntas ao vento

*“Pergunto ao vento que passa
Notícias do meu país
E o vento cala a desgraça
O vento nada me diz?”*

Trova do vento que passa, Manuel Alegre / Alain Oulman

como em todos os últimos dias
dos últimos meses
dos últimos anos
(as mãos frias nos bolsos vazios
o olhar vazio nos frios da paisagem)
perambula

dos jornais no varal da banca
as primeiras páginas
(únicas permitidas ao transeunte)
estancam seu caminhar

:
bolsas em declínio e
semblantes em desespero
ilustram as manchetes

seu desempregado estômago
indaga

:
qual a conexão?
(vazios sem resposta)

tragédia não anunciada

*"O mundo é bola de fogo
Nem todos ficam a arder"*

Se voaras mais ao perto, Zeca Afonso

fitas, papéis, agulhas, colas
inocentes produtos
(artesanias)
para enfeitar e consertar
gente do bairro
(que se conhece pelo nome
troca receitas e desconhece
o termo conveniências)
os compradores

em
inesperada manhã de primavera
ipês assustados assistem
:
pelos ares, o bazar e
todo o quarteirão
(um nada inocente arsenal
dizem os jornais)

da formidável explosão
o saldo
:
desabrigados e feridos, muitos
(gente que não sabe mais quem é)
desgraçados, outros
ficam a arder

sonho (re)corrente

*"Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;"*

Naufração, Cecília Meireles / Alain Oulman

um rio, estreito e veloz

:

na superfície, aconchegada

(líquido conforto)

eu mesma, barco

nele navego

tudo é sensação e velocidade

as margens próximas

(quase tocáveis)

a paisagem borrada

(não há contemplação

nem há tempo)

corre o rio, corro com ele

rua lamacenta

agora, o rio

nítida, a paisagem

(desolação)

onde recomeça o rio?
muito distante daqui
dizem-me
sem mensurar distâncias
nem me olhar nos olhos

vidas falseadas

*"Ao nascer trouxe uma estrela
Nela o destino traçado
Não foi desgraça trazê-la
Desgraça é trazer o fado"*

Não é desgraça ser pobre, Norberto Araújo

mal
decorriam os dias
conviventes em desamorosa
miséria
mal
sucediã as noites
nos corpos jovens, na
tenra vida em comum
(sonhos desfeitos em
mal contidos silêncios)

como salvar o que perdido está?
como legitimar o que falseado já era?

(um bebê! convite à salvação...)
barriga postiça, plano engendrado
inscreveu-se no corpo de voluntárias

na tarde plácida
ao colo da falsa mãe
sai do abrigo o menino
(filho do infortúnio
refém de seu próprio fado)

vidas dissimuladas

*"Quem afirma quem desdiz
Quem se arrepende quem não"*

Fado Adivinha II, José Saramago / Mário Pacheco

sete
as mulheres
enleadas em mistérios
seis
um segredo guardam
uma
finge ignorar

seis almas dissimuladas
seis enigmas que supõem
à sétima, desconhecidos
(o chá irmana e ilude)

sem ousar dizer o nome
das paixões ali trocadas, a
sétima, em sobressaltos, há
muito sabe das cores, mas
nas tintas deixa-se ficar

miserere
(corpo em dor)

*“Não queiras penas alheias,
Que as tuas chegam-te bem”*

Filosofias, João Linhares Barbosa / Francisco Viana

seta açodada, pungitiva adaga
(dor, dor, dor, dor)
corpo em frangalhos
avinagrados alhos
dolor, ache, douleur
dor sem filiação linguística
dor (in)verbalizável

duradoura dor, dura
dor, nervura fervente
dor sem trégua, dor
humilhante e impertinente
dor, invisível ao outro
íntima dor
(vergonhosa
experiência misantrópica)

nocauteado
vai à lona o corpo
paroxismo ao oitavo dia

homem-tração

*"Assim deveria eu ser
de patinhas no chão,
formiguinha ao trabalho
e ao tostão."*

Formiga Bossa Nova, Alexandre O'Neill / Alain Oulman

recolhem
latas, caixas, vidros, papéis
(miserável quinhão
no latifúndio consumista)

brancaleônicas figuras
recolhem e carregam
(penas - carga brutal)
carregam e caminham
caminham e descarregam
(elas próprias, descartes)

menos-valia
não armazenável
ração restrita à hora
incerta e presente)

homem-placa

*"Há-de haver quem te defenda
Quem compre o teu chão sagrado
Mas a tua vida não"*

Povo que lavas no Rio, Pedro Homem de Melo / Joaquim Campos

o homem
(sentidos ausentes
anúncio-mudo-trémulo)
posta-se no cruzamento
suspeito
(nadas ao vento)

o corpo-estandarte
alugado, aguarda
(olhares perdidos) o
fim da jornada, o
curto soldo
incompatível
com tão longo dia

são sebastião menino

*"Gritar quem pode salvar-me
Do que está dentro de mim"*

Medo, Reinaldo Ferreira / Alain Oulman

bêbado, o padrasto
embriaga o menino
algoz de suas mágoas

dois anos apenas
trinta e duas agulhas
alojadas no pequeno corpo
(silenciosa e invisível
via crucis
morte em construção)

ao espetar a carne tenra
o padrasto
vinga-se de outra
carne negada da mãe

alteridades

*“Que amor não me engana
Com a sua brandura”*

Que Amor não me engana, José Afonso

paixão entre dois
convivência entre muitos
choque anafilático
(por vias transversas
sanguíneas alteridades)

no princípio era o
verbo a calar
estrábicas visões de mundo
(um a olhar para o norte
outro a mirar o sul)

depois o
verbo discordante
(ódios baseados em suposições
inevitável combate)

conflito instaurado
(o vírus da guerra no
homem antes do homem)
seguem os protagonistas
(um a mirar o norte
outro a olhar para o sul)

engarrafamento
ou
o eterno retorno

"Estou na estrada de volta p'ra onde eu já não quero ir"
Rumo ao Sul, Jorge Fernando / Carlos Viana

o prodígio tecnológico
(inúteis trezentos cavalos)
estanca

entre tantas, a
semovente máquina
não se move...
não se move...

já não se vai
(distâncias incontornáveis)
nem é possível voltar
(inalcançáveis destinos)

ao volante
o aprisionado ícaro
compartilha
solidões e clausuras
(paradoxal conquista)

velório de corpo ausente

*"Meu punhal a crescer:
Nós paramos o tempo
Não sabemos morrer".*

Meu amor, meu amor, Ary dos Santos / Alain Oulman

flores e velas sinalizam
(o que deveria estar
e não está)
o vazio

cerimonial encomendado
veladores profissionais
discretas carpideiras
recebem e afagam

(a
morte
como coisa a
protelar
fenômeno antinatural a
evitar e esconder
acontecimento à
parte, a morte
produto
fármaco-hospitalar
simulacro
ato mera/mente
social)

no velório de corpo ausente
o vazio também nos vivos
(perfilados
sorridentes
patéticos)

no shopping

*“Que a solidão faz-se maior
Mal amanhece e volta o medo que anoiteça”*

Não fui eu, Jorge Fernando

sessenta anos presumíveis
(mickey mouse em rosa
estampado no peito)
desfila

em cor-de-rosa, as
sandálias
em cor-de-rosa, a
bolsa
em cor-de-rosa, os
corações
presos à cinta
desfilam

na solidão, em
rosa aprisionada, o
temor do agrisalhar

dúvidas amorosas

*"Vê como os búzios caíram
Virados p'ra Norte
Pois eu vou mexer no destino
Vou mudar-te a sorte"*

Os búzios, Jorge Fernando

AMARRAMENTO INFALÍVEL

TRAGO A PESSOA AMADA EM 7 DIAS

(cartaz colado em poste de luz)

que tipo de corda amarra o amor?

qual o tipo de nó?

(marceneiro

marinheiro

escoteiro

construtor?)

depois de amarrado, que é feito do amor?

(sete dias para atar - quantos para desatar?)

amor amarrado ama?

descompasso

*“Que esta história, seja a história onde se conte
O que um dia em mim serão águas passadas”*
Águas Passadas, Jorge Fernando / José Mário Branco

a outra idade, submissa
em outra idade, isolada
noutra idade, acomodada
em nenhuma idade, identificada
viveu
até que, liberta
recuperou a juventude
(quase) perdida

em sobressaltos
passou a vivê-la
um tanto quanto
des
com
passada
mente

vias oblíquas

*“Porque parte tudo um dia
O que nos lábios ardia
Até não sermos ninguém”*

Paixões Diagonais, Miguel Ramos / João Monge

depois que a mulher voejou
levando consigo a
claridade dos cômodos e
décadas coabitadas, o
marido, no escuro
ensimesmado
deixou o cabelo crescer, o
mato tomar conta dos
canteiros, o
pó cobrir móveis e assoalhos

sete luas após a mulher
levar consigo a sonoridade
da alcova, o marido
às claras e resolutivo
reagiu
engaiolou dez pássaros e
registrou em cartório o
certificado de propriedade
dos novos moradores com
direito a concertos privados

aniversário

*“Ai esta grande ansiedade
Ai este não ter sossego
Ai passado sem saudade
Ai minha falta de apego”*

Ai, esta pena de mim, Amália Rodrigues / José António Guimarães Seródio

hiroshima / nagasaki
shernobyl e fukushima
(1945, 1986, 2011)
bombas/usinas usinas/bombas
necessidade energética
progresso em explosão

aos sessenta e seis
da primeira, a justificativa
:
as explosões, apenas testes
os mortos incontáveis, meras
estatísticas
o cogumelo gigante, emoção
virtual, simulacro
não estar lá é não ver
estar é não estar

há esperanças, entretanto
“o caso é muito grave, mas estável”
tranquilizam as autoridades
(celan estava equivocado
já se pode, sim, fazer poesia)

a bela

*"E devastados nós vamos a seu mando,
Nesta prisão o mundo perde o peso"*

Fogo Preso, Vasco Graça Moura / Fontes Rocha

a bela
acreditando-se bela
insinua-se, incendeia
(gestos, peles e toques
pestanas, palavras, ações
joelhos, bocas, decotes
armas aprisionantes)

da suposta beleza
vale-se a bela
e somente dela se utiliza
certo veneno
indistintamente apontado
(humanos, bichos de estimação)

para a bela
que se imagina bela
vale o jogo, roleta vivente
aposta hedonista
fogo preso e aleijão

bruma e desamparo

*"Na esquina de cada rua,
Uma sombra nos espreita."*

Libertação, David Mourão-Ferreira / Santos Moreira

na densa bruma da tarde
irrompido do nada, o homem
forte e trêmulo
olhos pregados no chão
ameaça a mulher
fraca e trêmula

*(secretaria de estado da segurança pública
boletim de ocorrência:*

natureza:

espécie: título II - Patrimônio (arts. 155 a 183)

natureza: roubo (art. 157)

objeto material da conduta criminosa: veículo

local: via pública

outros objetos subtraídos:

bolsa de couro contendo

rg, cnh, cprv, cc, cheques

telefone celular com bateria descarregada

cartão do seguro saúde pouco utilizado

livros muito usados, cinquenta em espécie

algumas valiosas inutilidades: agenda 2011, preenchida

com endereços, datas de aniversários, compromissos e

algumas idéias de projetos, caderneta moleskine

com anotações para a memória ou possíveis poemas

*um microbloco de papel, capa em cobre trabalhado
adquirido há anos na feirinha de antiguidades do bixiga
um lenço de cambraia com a letra d bordada,
adquirido no funchal, um minicanivete suíço
adquirido em genebra, uma escova de cabelos com o nome
gravado
e um porta-lenços de cortiça, presentes de amigas lusitanas
fotografias dos netos e chaves da porta de casa)*

no meio da tarde, na rua
brumosa, despida de seus pertences
a mulher, fraca e trêmula
em desamparo plantada

amor ruidoso

*“Era uma boca fechada
sob a mordaça de um lenço.
Era afinal quase nada
e tudo parecia imenso!”*

Noite apressada, David Mourão-Ferreira / Alfredo Marceneiro

ruído excessivo durante
o ato sexual, a queixa
devidamente registrada
no livro do condomínio
pelo incomodado vizinho

:

“atividades íntimas do casal passam de gemidos
indiscretos a gritos escandalosos só compatíveis com
ambiente de bordel”

exposto ao vexame, o casal namorador
(com idades entre 55 e 60 anos, diz o laudo)
levou o reclamante à justiça
sob alegação de ter o mesmo violado
seu direito à privacidade e intimidade
(o grito na medida do prazer
malgrado a arquitetura falha
e inconformidades alheias)

processo julgado, o vizinho
(antes vítima, agora réu)
é condenado a pagar indenização
pela reclamação ofensiva

irredutível aos apelos da defesa
(o casal havia mudado de cidade e
a perícia não conseguiu localizar
por onde vazava o som)
o juiz sentença

:

*“as assertivas registradas no livro extrapolam o âmbito da
liberdade de expressão para atingir a honra dos autores. A parte
demandada, desbordou dos limites do razoável ao registrar a sua
inconformidade da maneira como o fez”.*

o inconformado reclamante
pagou e não mais se queixa
(o silêncio de agora chega a incomodar)

na rede

*"A vida a navegar
Por entre o sonho e a mágoa"*
O mar e tu, Dulce Pontes / Enzo Gragnaniello

teclaram confissões
(sentimentalismos
sonhos desnudados)
curtiram e compartilharam

no encontro presencial
(silêncios, interrogações)
brincadeira interrompida

na volta à telinha
o vazio da abstinência

afagos virtuais retomados
presença física dispensável
concluíram
:
felizes e virtuais ficariam
para sempre

busca e espera

*"Dá-me, pois, a ilusão d'uma só hora
D'um final suspenso e adiado"*

Só mais um fado, Jorge Fernando / Amadeu Ramin

cena um
na praia, a família
em férias, a menina
única filha
constrói castelos

cena dois
um breve vacilo
a menina
sumiu, sumiu...

cena três
louca, a mãe
procura
(em cada olhar menino
em cada vestido rodado)
procura, procura...

cena quatro
uma década passada
a mãe, não menos louca
(colecciona bonecas
veste-as)
espera, espera...

sol e lua, vidas

*“Não quero pensar mais do que sonhei
Não quero lembrar sonhos que perdi”*

*Sonhei abraçar-te à vida, Gualter da Silva Pereira /
Maria Helena Martins dos Reis*

o sol
(morar na praia após a aposentadoria
da vida inteira, o sonho)
pediu e implorou

a lua
(só queria saber de livros e
do piano - detestável calor)
a contragosto, cedeu

mudaram

o sol
(amigas, caminhadas, compras)
a felicidade, afinal concretizada

a lua
(trancado no quarto, ar condicionado
dez graus centígrados, o dia todo, a noite toda)
ordenou

:
iremos para a serra

o sol
(dependente, emurchecida
existência já desprovida da claridade)
calou

a lua
(vitorioso, a gélida
vingança)
engoliu devagar

ambos
(sibéria e trópicos)
foram

ficaram

labirintite

"Caravelas doiradas a bailar..."

Caravelas, Florbela Espanca / Tiago Machado

o corpo
jangada bêbada
à busca de oxigênio
(mareados caminhos)

diante da pane, reaprender a
reler o mundo sem
poder enxergar as
palavras do mundo
nem suas formas
mais reconhecíveis
(*garamont, times new roman, arial*)
lugar onde o mundo realmente está)
é voltar às sombras
antes das sombras

diante do labirinto, a
tentativa de estancar
o corpo
a rodar, a rodar

perante os sinais
forçosamente ceder
à fragilidade física
(antes negligenciada)

esquecimento pela fé

*“Se pudesse contar
Toda a gente veria
Quanto sou desgraçada”*

Que Deus me perdoe, Silva Tavares / Frederico Valério

romecleide, a diarista
arrimo de família, marido
bêbado e desempregado
sete filhos, agora cinco
enlouqueceu pela primeira vez
quando perdeu duas filhas
no passeio à praia grande
(afogamento)

pelos vizinhos evangélicos
confortada, rendeu-se à fé
e aos ditames canônicos

romecleide, a neopastora
(a casa transformada em templo)
prega
a fé que lhe foi ensinada

prega e esquece
esquece e prega
pregada que está
na segunda loucura

catequese

*"Nenhum fadista tem sorte,
Rogais por nós Virgem Mãe."*

Ave Maria Fadista, Gabriel de Oliveira / Francisco Viana (Vianinha)

assaltante encapuzado
residência adentro, arma
apontada para a velha
senhora, ordena
o dinheiro e as joias, rápido
ela
meu filho, vejo nos seus olhos
você é pessoa de boa índole
(segurando as mãos do assaltante)
vamos rezar, vamos... pai nosso...
ele
as joias, agora
ela
meu filho, só tenho bijuterias (mostra)
tome, leve este colar pra sua mulher
ele
o dinheiro, já disse (encosta o cano no pescoço
da mulher que reza e reza)

ela
mas eu não tenho dinheiro, reafirma
(em silêncio, o velho sobrinho e morador da casa
trancado no quarto contíguo junto à velha serviçal
passa uma nota de vinte reais por debaixo da porta)
o assaltante a recolhe e sai
a velha senhora permanece
a rezar, a rezar

as barregãs

*"Afinal, o tempo fica
A gente é que vai passando"*

Volta atrás vida vivida, João de Freitas.

nas terras do sem fim
duas mulheres

:

barrigas de aluguel e
três partos contratados

filhos crescidos
reivindicações judiciais
decisão conciliatória

:

morada comunitária
mulheres, filhos e eventuais
namorados do pai co-habitam
harmoniosamente

barregãs as chamam
as gentes do sem fim e
as mulheres, no apelido
se reconhecem, sem atinar
o sentido

passeiam ambas, pelas tardes
alegremente, assimiladas

o neto e o avô

*“Como a água da nascente
Minha mão é transparente
Aos olhos da minha avó”*

Transparente, Paulo Abreu Lima / Rui Veloso

lentos, seguem
os pequeninos pés
dos grandes pés ao lado

inseguros e próximos
em seu início o primeiro
o outro no seu final

sabem-se (?), ambos, reféns
da inexorável marcha e
(des)cuidados alheios



Reencontro e diálogo poético com as raízes

“O fado começou para mim como uma cantiga e acabou por ser uma forma de vida com que me identifiquei. Uma estranha forma de vida.” *Amália Rodrigues*

Corria o ano de 1974 e o mês era julho. Portugal ainda oferecia cravos vermelhos aos viajantes no Aeroporto de Lisboa e era possível sentir um clima único de júbilo e esperança em cada um dos rostos que transitavam pelas ruas. Uma viagem para não esquecer. Numa loja na Baixa lisboeta, dou com o LP *Com que Voz*, prensado em 1972, mas do qual não havia ouvido falar no Brasil. Verdadeiro choque estético-musical.

Nesse álbum histórico, tesouro que mantenho em meu relicário de lembranças, Amália Rodrigues, voz única e singular, interpreta poetas de língua portuguesa de alto calibre literário como Cecília Meirelles, David Mourão-Ferreira, Manuel Alegre, Alexandre O'Neill, Pedro Homem de Mello, José Carlos Ary dos Santos e Camões (cujo poema dá título ao LP), dentre outros, todos eles musicados pelo gênio de Alain Oulman.

Ouvindo essa obra prima, perguntei-me: então, o fado (também) podia ser isso?

Parafraseando Amália, eu diria que, até então, o fado era para mim apenas uma cantiga com versos populares ingênuos e, até certo ponto, toscos, retratos de tragédias amorosas que eu ouvia esporadicamente em alguns restaurantes “típicos” na capital de São Paulo, onde tentavam recriar ambientes semelhantes aos de Alfama, Bairro Alto e Mouraria, em Lisboa. Ali, fadistas desconhecidas do grande público, invariavelmente cobertas com xales negros, cantavam para uma plateia mais interessada na gastronomia do que propriamente no repertório musical. Após ouvi-los, ficava-me a sensação de que o fado havia estagnado naquelas velhas canções. Fato curioso: por mais que

tudo aquilo me soasse passadiço, devo admitir que aquele clima nostálgico exercia (atavicamente, talvez) um certo fascínio sobre a jovem de então.

Não me lembro de ouvir fados na minha infância, decorrida na Ilha da Madeira, onde nasci e vivi até os onze anos de idade, quando, então, emigrei para o Brasil com a família. Ouvia grupos que tocavam/cantavam canções folclóricas nas festas populares e, no rádio (um aparelho entrou em minha casa apenas quando eu já estava com oito ou nove anos de idade), ouvia Max, um cantor e compositor madeirense, muito popular à época, que acabou por se projetar nacional e internacionalmente, mas que não cantava propriamente fados.

Também não saberia precisar em que momento passei a ouvir o fado ou mesmo Amália Rodrigues. Minha mãe, ainda que desafinada, gostava de cantar, em especial quando costurava roupas à máquina, alguns fados consagrados por Amália como “Nem às paredes confesso” e “Foi Deus”. Para a menina que via o mar de sua janela e todas as manhãs sonhava com possíveis mundos para além daquele exíguo horizonte líquido, o que menos interessava eram essas letras que falavam de sentimentos que ainda não compreendia. Hoje, entretanto, me pergunto se um desses sentimentos que bem mais tarde vim a descobrir no seu mais amplo sentido, o da saudade, não teria vindo comigo. Ancestralidade (fado?) da qual ninguém escapa. O fado, hoje reconheço, é mais do que uma simples canção, representa inegavelmente um modo de ser português, mas que, ao abordar a essência humana com tamanha passionalidade, fala também para o universo. Tanto é verdade que a UNESCO, em 2011, o reconheceu como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

Aquele encontro com o fado em Lisboa representou para mim o “acontecimento” de que falava a própria Amália. Instalava-se ali a paixão por esse gênero de canção que já estava em mim sem que o soubesse e do qual fiquei para sempre cativa.

Estranhas formas de vida, o livro – dos motivos

Não faz muito tempo, em reunião com amigos, ouvíamos Amália Rodrigues a interpretar *Estranha Forma de Vida* (“Que estranha forma de vida / Tem este meu coração / Vive de vida perdida, / Quem lhe daria o condão? Que estranha forma de vida”) quando o poeta Tarso de Melo me perguntou, Por que você não escreve sobre isso? Escrever sobre isso... Sim, mas o que seria exatamente “isso”? Fui fisgada. A ideia calou, mas permaneceu adormecida por um bom tempo, até que foram surgindo alguns poemas que (percebi só mais tarde), de forma espontânea, me apontavam um caminho possível para, afinal, cumprir o desafio de “escrever sobre isso”, criando uma ponte entre as “estranhas formas de vida” das letras do fado português e os meus poemas.

A partir dessa percepção e já de forma disciplinada, os poemas passaram a receber epígrafes com versos de conhecidas letras de fado, estabelecendo um “diálogo” entre essa canção tão portuguesa, fenômeno tipicamente lisboeta, urbano portanto, com seus grandes temas (paixões fatais, amores não correspondidos, a tragédia e o fracasso pessoal como destino) e os meus poemas, cujos temas são retirados dos acontecimentos numa megalópole brasileira, meu mundo circundante, com sua urbanidade trágica e passional. Sociedades culturalmente diferentes, mas compostas igualmente por seres falhos e trágicos em seu inevitável “fadário”. Fatalidades e paixões cantadas versus paixões e fatalidades escritas. Nestas, apenas o “como contar” é diverso e não leva em conta o respeito à melodia nem o acompanhamento da guitarra.

Todos os poemas do livro partiram de fatos (fadados) reais. Fatos de ouvir contar, vivenciar, ler, presenciar e, naturalmente, pelas artes da criação, transformar e acrescentar. Diria que são crônicas poéticas metropolitanas. Poemas para serem lidos em silêncio, como se ouve o fado.

Se a poesia ou a “língua da poesia”, como nos ensinou João Alexandre Barbosa, “não é outra coisa senão aquilo que resulta

de uma história, de uma tradição, uma presença de continuidade à qual o novo poema é integrado”, estabelece neste caso convergências com o fado e a minha história pessoal. Fado e poemas, frutos da mesma língua e da mesma essência humana. Por que não (re)uni-los? (dtv)

Sobre a autora

Dalila (Isabel Agrela) **Teles Veras**, natural do Funchal, Ilha da Madeira, Portugal, (1946). Emigrou ainda menina com a família para o Brasil, São Paulo, Capital, em 1957. Em 1972, após seu casamento com o advogado e escritor Valdecirio Teles Veras, radicou-se em Santo André, onde nasceram suas três filhas Carolina, Isabela e Alice, seus três netos, Filipe, Murilo e André, cidade na qual reside até hoje. Cofundadora do Grupo Livrespaço de Poesia, de intensa atuação na divulgação da poesia (1982-1993). Coeditora da revista literária Livrespaço, contemplada com o Prêmio APCA, como melhor realização cultural de 1993. Como cronista, de 1995 a 1999, assinou a coluna semanal Viaverbo no Caderno “Cultura & Lazer” do Diário do Grande ABC. Além da participação em dezenas de obras coletivas no Brasil e exterior, nos gêneros poesia, crônica e ensaio, publicou os seguintes livros:

Poesia

- *Lições de Tempo*. Pannartz, SP, 1982 (2ª ed., 1983)
- *Inventário Precoce*. Pannartz, SP, 1983
- *Madeira: do Vinho à Saudade*. Col. Cadernos Ilha. Funchal, Madeira (Portugal): José António Gonçalves editor, 1989. 2ª ed., fac-simile, Alpharrabio Edições, SP, 1997
- *Elemento em Fúria*. Teresina, Academia Piauiense de Letras, PI, 1989
- *Forasteiros Registros Nordestinos* (plaquete). Livrespaço, SP, 1991
- *Poética das Circunstâncias* (plaquete). Alpharrabio Edições, SP, 1996
- *A Palavrparte*, Alpharrabio Edições, SP, 1996

índice

- 9 abismos
- 10 identidades
- 11 se (com licença de Kipling, evocando José Paulo Paes)
- 12 qual o modelo?
- 13 disfarce (ou vestida para arrasar)
- 15 matou a filha e foi ao cinema
- 16 perguntas ao vento
- 17 tragédia não anunciada
- 19 sonho (re)corrente
- 21 vidas falseadas
- 22 vidas dissimuladas
- 23 miserere (corpo em dor)
- 24 homem-tração
- 25 homem-placa
- 26 são sebastião menino
- 27 alteridades
- 28 engarramento ou o eterno retorno
- 29 velório de corpo ausente
- 31 no shopping
- 32 dúvidas amorosas
- 33 descompasso
- 34 vias oblíquas
- 35 aniversário
- 36 a bela
- 37 bruma e desamparo
- 39 amor ruidoso
- 41 na rede
- 42 busca e espera
- 43 sol e lua, vidas



Este livro foi impresso pela PigmaFast
sobre papel pólen soft 80 g/m²
para a Dobra Editorial e Alpharrabio Edições, em Abril de 2013
Ano de Portugal no Brasil / Ano do Brasil em Portugal

PigmaFast
REALIZE

